

## MÚSICA ERUDITA NA ESCOLA É POSSÍVEL?

**Bernadete Zagonel<sup>1</sup>**

*(Publicado no Jornal Gazeta do Povo, Paraná, em 21 de abril de 2003)*

Há quem diga que o povo não ouve música erudita porque ela é de difícil compreensão e porque a maioria das pessoas não gosta dela. E mais, que o mercado em geral costuma oferecer ao público aquilo que ele gosta de ouvir, ou seja, essas produções de qualidade duvidosa que temos visto por aí.

No entanto não é isso que minha experiência no ensino musical tem me mostrado. Tenho exemplos concretos que me provam exatamente o contrário, e vou aqui relatar um dos mais recentes.

Durante esse ano letivo, sugeri a uma aluna que realizasse uma pesquisa sobre a prática da audição musical na escola. O objetivo primeiro era verificar em que medida haveria aprendizado musical a partir da audição de obras do repertório clássico, e qual o nível de aceitação das crianças.

Preparamos então uma série de onze aulas de audição orientada de obras previamente escolhidas, a uma turma de 20 alunos da 2ª série do Ensino Fundamental em uma escola da rede pública de Curitiba.

Evidentemente tomamos o cuidado de tornar estas aulas atraentes, com jogos, brincadeiras, e toda uma preparação para se chegar às audições, incentivando a participação constante dos alunos que, já sabíamos, nunca tinham ouvido este tipo de música antes. As obras foram cuidadosamente escolhidas, buscando-se nelas elementos que as aproximassem das crianças, e de curta duração para não se tornar entediante.

Já durante o processo de aplicação a reação dos alunos nos incentivava. Observávamos que não só eles aceitavam com entusiasmo este trabalho, como ainda se interessavam em conhecer mais, em querer ouvir mais.

Os resultados obtidos nas avaliações não fugiram daquilo que já era por mim esperado, e demonstraram que houve real aprendizagem por parte dos alunos. Ao final das sessões eles tinham absorvido, inclusive, um vocabulário musical: falavam em temas e sabiam cantá-los, reconheciam boa parte dos instrumentos da orquestra e diziam seus nomes corretamente, faziam brincadeiras com forte-fraco e com a altura de sons, e alguns demonstraram estar também estimulados a inventar outras músicas.

Essa experiência me provou mais uma vez que, ao se trabalhar a música de boa qualidade com crianças de maneira adequada, com obras apropriadas, conduzindo-as a perceber os detalhes de cada música, levando-as a participar ativamente de todo o processo, elas aceitam com naturalidade, passam a gostar deste gênero, e até pedem mais.

Na verdade, o que é preciso fazer é mostrar outras músicas para as pessoas, pois é impossível gostar de algo que não se conhece. E, no meu entender, cabe principalmente à escola o papel de abrir os horizontes de seus alunos ampliando o repertório. Levar para a sala de aula as músicas que estão nas rádios e na TV, e que todos já conhecem tão bem, não tem o menor sentido. Se for para fazê-lo, que seja então com o objetivo da crítica e da reflexão.

O exemplo que citei aqui foi referente à música erudita, mas não é preciso se restringir a ela. Há muitas músicas de boa qualidade sendo produzidas, basta ao

---

<sup>1</sup> Bernadete Zagonel é Doutora em Música pela Sorbonne - Paris. Professora titular e chefe do Departamento de Artes da UFPR. bzagonel@ufpr.br

professor olhar criticamente em sua volta, e abrir os seus ouvidos. Vamos estudar um pouco a história da nossa MPB, que, tenho constatado, os jovens já não conhecem mais, ou, se preferirem, vamos ouvir o bom rock que foi produzido nas últimas décadas, ou as obras-primas do jazz, com seus inúmeros arranjos e versões.

É importante lembrar que o gosto se forma, e é preciso o contato freqüente e a familiarização com o produto artístico para que isso aconteça. É o que ocorre com as músicas veiculadas na mídia: tanto elas entram em nossos ouvidos, que acabamos nos acostumando e gostando delas. E se não tomarmos nenhuma atitude, a tendência é que isso continue.